



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

TIAGO DE SOUZA NASCIMENTO

A REPRESENTAÇÃO DO RACISMO EM *TODO MUNDO ODEIA O CHRIS*

Pelotas/RS

2018

TIAGO DE SOUZA NASCIMENTO

A REPRESENTAÇÃO DO RACISMO EM *TODO MUNDO ODEIA O CHRIS*

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Roberto Ribeiro Miranda Cotta

Pelotas

2018

TIAGO DE SOUZA NASCIMENTO

A REPRESENTAÇÃO DO RACISMO EM *TODO MUNDO ODEIA O CHRIS*

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em (data da banca por extenso).

Banca Examinadora:

Roberto Ribeiro Miranda Cotta

Guilherme Carvalho da Rosa

Michael Abrantes Kerr

Resumo

Este artigo pretende traçar uma análise crítica de três episódios do seriado estadunidense *Todo mundo odeia o Chris* (*Everybody Hates Chris*, 2005), de Chris Rock e Ale Leroy. No Brasil, a série é exibida pelo canal televisivo aberto Rede Record, desde 2006. Focando em uma reflexão sobre a identidade negra, analisarei a representação do racismo nessa obra audiovisual, a partir dos conflitos raciais trazidos por alguns de seus episódios.

Palavras-chave: Racismo; Identidade; Narrativa seriada; Negro.

Abstract

This article intendeds to trace a critical analysis of three episodes of the US television series. *Everybody Hates Chris* (*Everybody Hates Chris*, 2005) by Chris Rock and Ale Leroy. In Brazil, the series is shown by Rede Record television channel since 2006. Focusing on a reflection on the black identity, I'll analyze the representation of racism in this audiovisual work, based on the racial conflicts brought by some of episodes.

Keywords: Racism; Identity; Series Narratives; Black.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Identidade negra nas séries televisivas estadunidenses.....	8
3. Dívidas históricas e financeiras: um paralelo social na comunidade negra.....	11
4. Racismo, resistência e identificação	15
5. O racismo social.....	19
6. Conclusão.....	21
7. Bibliografia.....	22

1 – Introdução

A televisão é uma plataforma audiovisual que contribui para a formação de pessoas ao redor do mundo, mesmo que os veículos televisivos, muitas vezes, apresentem formas de entretenimento variadas em relação à percepção crítica de seus espectadores. De acordo com esse ponto de vista, as obras seriadas podem ser compreendidas como um gênero que entretém, mas que também pode despertar no público sua consciência em relação aos temas e narrativas abordados. As séries de *sitcom* (comédias de situação) estadunidenses, por exemplo, trazem situações cotidianas de seus personagens, aproximando-os de vivências semelhantes a uma realidade sociocultural específica. Esse formato televisivo permite que as pessoas possam se identificar com os enredos apresentados, a partir do momento em que se evidenciam as aspirações de mundo de seus personagens.

Em linhas gerais, as narrativas das sitcoms trazem, majoritariamente, personagens brancos, fazendo com que as minorias não se sintam representadas pela maior parcela desses seriados. Com o crescimento dos movimentos sociais, a demanda de personagens com diversidades étnicas aumentou nos últimos anos, contribuindo para que os estúdios televisivos percebessem uma demanda emergente para inserir personagens de outros grupos sociais em suas séries. Nesse sentido, vale considerar que a população negra é um desses importantes grupos culturais que passaram a fazer parte desse novo contexto.

Após o movimento dos direitos civis dos negros nos EUA e o fim da lei de segregação, os estúdios televisivos começaram a miscigenar o elenco de suas respectivas séries, colocando personagens negros em suas narrativas. Depois, foi criado outro gênero de comédia conhecido como *black sitcom*, que apresentavam uma comédia situacional protagonizadas por pessoas negras. No começo, esses seriados mostravam o negro dentro de uma comunidade composta por pessoas brancas, apresentando o negro com uma vivência muito diferente da vivida pelos afrodescendentes estadunidenses da época. Após várias críticas e demandas da sociedade para os estúdios televisivos, o formato das *black sitcoms* mudou para a história de famílias negras vivendo num ambiente não segregado junto com outras etnias.

Para compreender o modo como o racismo é representado no contexto das obras seriadas estadunidenses, este artigo expandido delimitará suas atenções de análise sobre

a série *Todo mundo odeia o Chris* (*Everybody Hates Chris*, 2005), de Chris Rock e Ale Leroy. Esta obra está inserida no contexto das *black sitcoms* que apresentam uma família negra. Porém, ela diverge das outras em matéria de abordagem, na medida em que mostra os problemas raciais que a sociedade negra enfrenta todos os dias nos Estados Unidos.

Todo mundo odeia o Chris é uma série de comédia dramática que conta as experiências de vida do comediante Chris Rock nos anos 1980, no bairro de Bed-Stuy, em Nova Iorque. A série conta com 4 temporadas de 22 episódios, sendo originalmente divulgada pela emissora de televisão americana UPN. No Brasil, o seriado foi inicialmente transmitido pelo canal Sony, na TV paga, e posteriormente exibida em rede aberta pela TV Record, onde teve sua popularização. Em 2010, a série alcançou o pico de 10 pontos de audiência, levando o canal à terceira posição dentre as emissoras brasileiras.

Chris, o personagem principal, acaba de se mudar com a sua família do conjunto habitacional para o bairro de Bedford-Stuyvesant, conhecido com *Bed-Stuy: do or die* (“*Bed-Stuy: só doido vai!*”), sendo esse um bairro predominantemente habitado por pessoas negras. Sua mãe, determinada em conceder a ele um ensino de boa qualidade, o matricula na Corleone Junior High, uma escola localizada num bairro italiano. Por ser o único afrodescendente da escola, ele vira vítima dos valentões e sofre bullying diariamente. A série mostra com humor situações que o protagonista passa em sua adolescência, muitas delas com o enfoque concentrado no racismo.

A série aborda vários elementos representativos para pessoas negras. Este artigo focará a questão da representação do negro, de acordo com as experiências racistas que o personagem Chris vivencia na série. Para isso, foram selecionados três episódios: o primeiro da temporada inicial, que tem título homônimo ao da série; *Todo mundo odeia Gretzky*, 15º episódio da terceira temporada; e o último episódio da quarta temporada: *Todo Mundo Odeia Supletivo*.

A estrutura deste artigo será dividida em quatro capítulos. O primeiro deles apresenta uma reflexão em torno das representações culturais negras e do racismo em obras seriadas estadunidenses. As partes seguintes serão compostas pela análise da representação do racismo nos episódios mencionados da série *Todo mundo odeia o Chris*. Esta pesquisa se baseia nos conceitos de análise fílmica, de Goliot-Lètè e Vanoyé (2002),

¹ “*Bed-Stuy: só doido vai*” é como foi dublado o lema do bairro. Por trazer um experiência diferente para o público brasileiro, preferi analisar a série com o áudio da dublagem.

e em teorias de importantes autores dos estudos culturais, tais como Hall (1992), Woodward (2000) e Ribeiro (1995).

2 – Identidade negra nas series televisivas estadunidenses

Sobre indentidade, lembro-me criança assistindo desenhos animados. Como sempre fui fã de animações e super heróis, sentia que nesse universo sempre me faltava algo. Olhava para a televisão e tudo que via eram homens e mulheres brancos que vivam em um universo em que eu não me via, mas, mesmo assim, adorava assistir às aventuras daqueles heróis salvando o planeta de grandes vilões. Com o passar do tempo, fui consumindo cada vez mais desenhos e, com isso, fui vendo uma maior gama de personagens. Dentro desses, haviam figuras negras como Super Choque e Lanterna Verde (John Stewart), entre outros. Esses acabaram se tornando meus heróis favoritos. Na época, não sabia por qual motivo, mas agora compreendo que era por pura identificação.

Mas por que só pela existência de um negro em uma série, mesmo que de forma inconsciente, este acaba se tornando um personagem favorito? Isso se dá pela diferença. A partir do momento em que eu, um garoto negro, me sentia diferente da sociedade apresentada na mídia, quando era mostrado alguém que se parecia comigo, logo me identificava com aquele indivíduo, tornando-o personagem favorito da série. “A identidade é marcada pela diferença.”(Woodward, 2000, p. 11). No momento em que uma pessoa é vista de forma diferente perante uma sociedade dominante, quando encontra um grupo que tem uma diferença em comum, é criada uma relação identitária.

Por um lado, a identidade é vista como tento algum núcleo essencial que deistinguiria um grupo de outro. Por outro, a identidade é vista como contingente; isto é, como o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares. (WOODWARD, 2000, p. 38)

A identidade seria, de certo modo, tudo aquilo que te define. Sua cor de pele, seu modo de pensar, seu posicionamento político, como você enxerga o mundo etc.

Através de filmes, seriados, telenovelas, entre outras formas de entreterimento midiático, dá-se o tom de como um grupo de pessoas podem ser representadas. Essa representatividade faz com que pessoas se identifiquem com os personagens apresentandos.

O conceito de identificação tem sido retornado, nos Estudos Culturais, mais especificamente na teoria do cinema, para explicar a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou imagens, fazendo com que seja possível nos vermos nas imagens ou na personagem apresentada na tela. Diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes. (WOODWARD, 2000, p.18)

Woodward explica como as imagens audiovisuais são responsáveis pela formação da identidade de um indivíduo, a partir do momento em que nos identificamos com um personagem fictício, nos sentimos representados por ele e fortalecemos nossas identidades. A mídia, sendo uma das maiores influenciadoras identitárias, tem o poder de ditar como uma sociedade deve se comportar. Porém, os grupos sociais nem sempre aceitam os padrões de comportamento representados e brigam por espaços onde podem ser identificáveis de maneira mais fiel à realidade, o que é o caso das pessoas negras.

Focando apenas em seriados estadunidenses, o negro vem ganhando destaque principalmente após o movimento dos direitos civis (1960). Contudo, o modo como o negro era visto dentro das séries apresentava uma visão de uma pessoa não-negra sobre o modo como um afrodescendente seria. Muitas vezes, o negro era representado de uma forma racista dentro do cenário televisivo, criando assim um olhar opositivo da comunidade negra aos conteúdos produzidos. “Os olhares negros críticos e questionadores estavam principalmente preocupados com questões de raça e racismo, e a forma como a dominação racial dos negros pelos brancos sobredeterminava a representação.” (HOOKS, 2017, p.1) Essa crítica em relação à raça e ao racismo foram os motores que proporcionaram séries para apresentar personagens negros representativos dentro do universo social que essa parcela da sociedade vive. Como é o caso de *Cara gente branca* (*Dear white people*, 2017), de Tina Mabry, Barry Jenkins, Charlie McDowell; e *Ela quer tudo* (*She's gotta have It*, 2017), de Spike Lee.

As séries mais recentes trazem, como discussões, assuntos que a sociedade negra vive em seu cotidiano, como racismo, violência policial etc. No começo, esses seriados mostravam o negro dentro de uma comunidade composta por pessoas brancas, como em *Arnold* (*Different strokes*, 1978), de Jeff Harris e Bernie Kukoff, série que traz uma família de brancos que adota os filhos de sua empregada negra após a morte dela. Com a ascensão

dos movimentos sociais de representação negra, a crítica a esses seriados foi aumentando cada vez mais. Como contrapartida, foram desenvolvidas obras em que eram mostradas famílias negras numa sociedade miscigenada, como em *Um maluco no pedaço* (*Fresh prince of Bel Air*, 1990), de Andy Borowitz e Susan Borowitz; e *Eu, a patroa e as crianças* (*Me wife and kids*, 2001), de Don Reo e Damon Wayans. Esses seriados eram conhecidos como *black sitcom* e contavam, de maneira cômica, um cotidiano de uma família negra dentro de um universo não segregado da sociedade americana.

Nesse sentido, é possível perceber que há uma grande diferença entre séries como *Arnold* e *Todo mundo odeia o Chris*, principalmente, se levarmos em consideração o modo como o negro era representado através delas.

Em *Arnold*, é apresentado um garoto negro que foi adotado por uma família rica de pessoas brancas. O foco da série não busca criticar o racismo ou os preconceitos que os negros vivem no dia a dia. Mas, sim, apresentar uma miscigenação social na tela, trazendo o personagem negro com uma forma de alívio cômico dentro de uma sociedade branca da época, utilizando-se de alguns estereótipos afrodescendentes para isso.

Embora atualmente a televisão americana se mostre mais receptiva à integração de negros aos elencos de séries cômicas, simultaneamente, incorpora uma acepção depreciativa de negritude porque consagra uma visão politicamente correta de relação entre negros e brancos, como se ambos coexistissem harmonicamente. (CREMA, 2014, p.10)

Assim, o protagonista se torna apenas um elemento politicamente correto na tela, não apresentando uma real identidade dentro da cultura negra.

Já em *Todo mundo odeia o Chris* há um cuidado maior em relação à identidade. Por ser uma série que conta as histórias de vida do comediante Chris Rock, traz consigo um realismo social mais fiel do que outros *black sitcoms*. Por causa de elementos representativos para a sociedade em relação ao universo do protagonista e às histórias que ele vive, muitas pessoas acabam se identificando com a série, sentindo-se representadas por ela.

A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política. (WOODWARD, 2000, p. 34)

Todo mundo odeia o Chris acaba se tornando uma mobilização política a partir do momento em que traz assuntos que dizem respeito a problemas que a sociedade negra sofre, tanto nos anos 80 (onde é ambientada a série), quanto nos dias atuais. Como o racismo, que será o foco desta análise. A partir do momento em que são apresentados problemas sociais na série, acaba sendo criada uma opinião crítica sobre o assunto, fazendo com que a população identificada com esse tema se mobilize para tentar acabar com ele.

3.1 – Dívidas históricas e financeiras: um paralelo social na comunidade negra

No primeiro episódio de *Todo mundo odeia o Chris*, é apresentado o universo do personagem e sua família: Julius (pai), Rochelle (mãe), Drew e Tonya (irmãos mais novos). Seus pais são a representação de familiares da época, porém a realidade da série ainda é presente na atualidade.

A realidade financeira que a família Rock vive é repleta de dívidas. No começo do episódio, Rochelle encarrega Chris de, quando voltar da escola, abrir a porta para seus irmãos, manter a ordem para que seu pai possa dormir e, em seguida, acordá-lo para trabalhar. Quando Chris volta para a casa e avista seus irmãos em frente à porta da residência, Tonya grita pelo pai, pois quer entrar em casa, enquanto Chris a repreende. O pai deles estava dormindo para se preparar para seu segundo turno de emprego. Portanto, ele não deveria ser incomodado para que pudesse trabalhar produtivamente e, assim, não ser demitido. Na série, é comentado que Julius tem dois empregos para poder sustentar a família. Tendo que pagar todas as dívidas e a casa onde vivem, é visto que não sobra muito dinheiro para outros fins. Como exemplo, temos a frase de Rochelle sobre como ela organiza o dinheiro:

_Eu dirijo a casa como o governo dirige o país, em déficit. O aluguel é pago dia três, eu pago dia nove porque você só recebe dia sete. Se pegar a luz agora, não tenho dinheiro pro mercado. O aluguel vai atrasar e você vai ter que fazer hora extra. Você não vai querer fazer e que não deve dinheiro na praça termina sem nenhum tostão.

Essa falta de dinheiro se dá por fatores mais sociais do que econômicos, tendo sua origem no passado da população negra. Ribeiro (1995) explica como uma dívida histórica

condiciona uma visão de mundo específica, bem como os papéis legados a pessoas negras:

Para seus pais, o negro escravo, o forro, bem como o mulato, eram mera força energética, como um saco de carvão, que desgastado era facilmente substituído por outro que se comprava. Para seus descendentes, o negro livre, o mulato e o branco pobre são também o que há de mais reles, pela preguiça, pela ignorância, pela criminalidade inatas e inelutáveis. Todos eles são tidos consensualmente como culpados de suas próprias desgraças, explicadas como características da raça e não como resultado da escravidão e da opressão. Essa visão deformada é assimilada também pelos mulatos e até pelos negros que conseguem ascender socialmente, os quais se somam ao contingente branco para discriminar o negro-massa. (RIBEIRO, 1995, p. 219)

Por mais que os contextos dos negros brasileiros e estadunidenses sejam totalmente diferentes, pode ser estabelecida uma relação deles com a dívida histórica, entendendo a escravidão como o ponto mais forte entre eles. Nos Estados Unidos, após o fim da escravidão, o negro foi segregado da sociedade por ser considerado inferior. Essa inferioridade vem de pensamentos de preconceitos que Ribeiro menciona, fazendo com que a sociedade não visse a culpa que eles tinham pela marginalização dessa parcela da sociedade, culpando-os pelas suas próprias desgraças.

Em grande parte, é justamente por causa dessa dívida histórica que pessoas negras sofrem em seu dia a dia. É por conta desse passado, no qual o negro era escravizado e visto apenas como uma ferramenta de produção. A partir disso, quando o negro foi liberto, sua liberdade social não veio junto com a alforria. O homem branco, por mais que não tivesse mais poder e posse do negro, ainda o via do mesmo jeito que era visto no tempo de escravidão, só que impedido de ter o negro como uma ferramenta, em vez de trazer essas pessoas para a sociedade, o negligenciava. Como o homem branco não tinha mais cem por cento dos lucros de suas produções, era obrigado a pagar os funcionários. Os negros foram deixados de lado pelos imigrantes, pois estes eram uma mão de obra mais barata e também porque o afrodescendente tinha o estereótipo de pessoa preguiçosa e de baixa produtividade. Esses fatores fizeram com que a comunidade negra fosse parar nas áreas periféricas. A falta de dinheiro e oportunidades foi o motivo da criação de bairros negros na periferia, marginalizando-os totalmente dentro da sociedade.

A marginalização negra vem com o estereótipo de criminalidade. No seriado, por exemplo, a mãe de Chris tinha medo de que seus filhos acabarem entrando nessa parcela de negros criminosos. Rochelle é uma mulher que sempre se preocupa com o futuro dos filhos. Após a chegada em Bed-Stuy, há um grupo de garotos pichando um muro com o lema do bairro, *do or die*, e ela fala para os filhos que, se eles fossem pegos fazendo a mesma coisa, ela bateria neles.

Por Chris ser o irmão mais velho, Rochelle acha que ele tem que ser um exemplo para os irmãos, então ela é mais rigorosa com ele. Por isso, ela achou melhor que ele fosse para uma escola em um bairro de pessoas brancas, pois considera que a educação lá é melhor do que a da escola do bairro onde eles moram. Chris atravessa a cidade para poder ir à escola e, para fazer isso, ele tem que pegar dois ônibus. O primeiro é o ônibus do bairro, que é cheio de pessoas negras. Já no segundo, ele é o único negro dentro do transporte público. É falado que ninguém senta ao lado dele, e a série coloca o exemplo de uma mulher branca, que está grávida, recusando-se a sentar ao seu lado, preferindo ficar em pé.

Esse exemplo da mulher que se recusa a sentar do lado do protagonista se refere aos preconceitos, pré-direitos civis, ainda presentes na sociedade, por mais que os negros tenham ganhado direitos e espaços socialmente falando. As pessoas que segregavam essa parcela da sociedade ainda os viam da mesma forma, até porque a série se passa apenas 20 anos depois da vitória dos direitos das pessoas negras. Portanto, os indivíduos que viveram nessa época, pelo menos a maioria, são pessoas que ainda preservavam os pensamentos do período, quando a parcela negra da sociedade era deixada de lado. Quando a população negra ocupava espaços predominantemente legados aos brancos, isso era visto como um desrespeito.

Chegando na Corleone Junior High, ele se encontra em um lugar em que ele é a única pessoa negra. Dentro desse universo, é apresentada a figura antagonista da série. Caruso é um garoto branco que estuda na mesma escola que Chris. Ele é conhecido por ser o valentão da escola e pratica *bullying* com outros garotos, principalmente no grupo do *nerds*. Quando Chris entrou pra escola, por ser o único garoto negro, Caruso o vê como alvo prioritário para seus ataques. Esses ataques são, na maioria, de cunho racista. Sempre que vê Chris o chama de algum apelido preconceituoso (como Saci, Feijão, Kunta Kinte, Marrom, Pneu etc) e depois o agride fisicamente. Esses ataques são uma forma de mostrar a superioridade das pessoas brancas em relação aos negros, usando-os como uma lembrança, mesmo que inconsciente, da época escravista, quando o branco dominava o

negro. Caruso representa o ódio da sociedade branca com a ascensão do negro, a partir do momento em que o negro começa a ocupar os espaços, até então, só ocupados por pessoas brancas. De acordo com Hall (1992), ainda há um tradicional estranhamento em relação às possibilidades de acesso da população negra aos espaços dominados pela população branca.

Se o pós-moderno global representa uma abertura ambígua para a diferença e para as margens, e faz com que o certo tipo de descentramento da narrativa ocidental se torne uma grande possibilidade, ele é confrontado por uma reação que vem desde o coração das políticas culturais: a resistência agressiva à diferença; a tentativa de restaurar o cânone da civilização ocidental; o ataque direto e indireto ao multiculturalismo; o retorno às grandes narrativas da história, da língua e da literatura (os três grandes pilares de sustentação da identidade e culturas nacionais); a defesa do absolutismo étnico, de um racismo cultural que tem marcado as eras Thatcher e Reagan; e as novas xenofobias que estão para subjugar a Europa. A última coisa a fazer é ler-me como se eu estivesse dizendo que a dialética cultural acabou. (HALL, 1992, p. 339)

Os ideias pré-multiculturalistas veem as novas culturas como uma afronta, pensando que a partir do momento que houver uma miscigenação acontecerá uma mudança drástica dentro dos costumes já instaurados. Criando assim uma forte resistência que vem através de ódio, preconceito, racismo etc. Caruso representa esses ideais resistentes ao multiculturalismo que na série é representado pelo protagonista que ocupa um espaço até então predominantemente de pessoas brancas.

Quando vê Chris, Caruso pisa em seu sapato e o chama de *Pixaim*. O protagonista então o enfrenta, com a ideia de que, se ele deixasse essa atitude de lado, seria atormentado em seu período escolar inteiro. Após o enfrentamento, Caruso dá um soco em Chris, que cai em cima do diretor da escola, e a briga cessa após uma advertência do mesmo. No intervalo, Caruso aborda o garoto novamente, rouba o dinheiro dele e o passe livre do ônibus, dizendo que o esperava na saída da escola para uma briga. No final da aula, Chris vai ao local da briga para recuperar seu passe, convencido que alguém iria pará-la. Então, ele dá o primeiro soco, acertando o rosto de Caruso. O tempo passa e ninguém impede a briga. Um policial aparece e, vendo que é um garoto negro apanhando de um garoto branco, apenas continua andando como se nada estivesse acontecendo no local, representando o racismo da polícia perante a população negra.

3.2 – Racismo, resistência e identificação

No 15º episódio da terceira temporada, *Todo Mundo Odeia o Gretzky*, Chris comenta que por ser o irmão mais velho, é responsável por qualquer atitude ou consequência dos caçulas. Enquanto vai a caminho da escola, ele avista Drew no ponto de ônibus e, quando pergunta por que seu irmão não estava na escola, Drew responde que vai faltar a aula para pegar um autógrafo de seu jogador de hóquei favorito em Long Island, bairro que fica do outro lado de Nova Iorque. Chris tenta impedir o irmão, mas como Drew não ligava para as consequências e estava determinado em ir em busca do autógrafo de seu ídolo, o protagonista resolve ir junto com ele, para que nada de ruim aconteça ao irmão no meio do caminho.

Uma das maiores preocupações de Chris era que seu irmão morresse no percurso até Long Island. Isso se dá pelo medo em relação ao preconceito das pessoas brancas e de uma polícia que vê o negro como um alvo prioritário por causa de um racismo instaurado na sociedade, fazendo com que os brancos olhem para os negros como figuras criminosas em potencial.

Durante a busca do autógrafo, os garotos se encontram no metrô de Nova Iorque, indo em direção à Long Island. É então que aparecem dois homens brancos que abordam os irmãos Rock, perguntando para onde eles iriam. Drew fala que eles estavam indo atrás do autógrafo de Gretzky. Os homens se revoltam pelo fato de Drew gostar de hóquei, e falam que ele não podia gostar desse esporte porque eles não eram brancos. Além disso, argumentam que os negros já tinham esportes demais como o basquete e o atletismo, o que converge com a crítica feita por Hall (1992) a respeito dos lugares delimitados aos negros pela sociedade branca ocidental.

Reconheço, que os espaços “ganhos” para a diferença são poucos e dispersos, meticulosamente policiados e regulados. Eu acredito que sejam limitados. Sei, às minhas próprias custas, que eles são absurdamente sub financiados, que existe sempre um preço quando a ponta da lança da diferença e da transgressão é desviada para espetacularização. Eu sei que substitui a invisibilidade é um tipo de visibilidade segregada que é cuidadosamente regulada. (HALL, 1992, p. 340)

Dentro da série, os espaços “ganhos” pelas pessoas negras seriam alguns esportes citados pelos dois homens brancos. Que seriam a representação de um olhar policiador da sociedade, regulando até onde a população negra pode ou não ter os mesmos espaços

que eles. E Drew, sendo fã de hóquei, seria o negro brigando por espaços não delimitados para ele dentro da sociedade.

Além do racismo, os dois homens repercutem uma resistência agressiva à diferença. A partir do momento em que uma minoria ganha ascensão, criando um forma de atuação do multiculturalismo dentro da sociedade, modificam-se os padrões da cultura clássica. Sendo assim, a sociedade que preserva essa cultura pré-multicultural vê como uma afronta o crescimento das minorias e a inserção delas dentro desse contexto.

Chris, para tentar afastar os dois homens, diz que eles (negros) não queriam ficar com o hóquei e pede que deixem ele e seu irmão em paz. Só que essa tentativa foi em vão, pois assim que viram que Drew estava com uma camiseta de hóquei obrigaram o garoto a entregar a camiseta. O fato de os garotos obrigarem Drew a entregarem a camiseta possui dois significados. Um deles seria a de que os garotos brancos, de alguma forma, pudessem mostrar que ainda são superiores aos negros, trazendo neles, inconscientemente, as lembranças do passado onde a população branca tinha poder sobre a negra. A outra interpretação seria, como diz Hall (1992), uma resistência agressiva à diferença. Assim, querendo preservar os espaços que canonicamente seriam apenas das pessoas brancas, esses personagens usam a agressividade para manter esses ideais intactos. Dar a camiseta aos garotos brancos seria como se a sociedade negra estivesse devolvendo os espaços para uma sociedade pre-multicultural.

Drew, revoltado, resolve enfrentar os dois homens, mas é impedido por seu irmão, que explica que eles são apenas dois garotos negros em um grande território de pessoas brancas e que, para não arranjam maiores problemas, o melhor a se fazer seria dar a camiseta para os dois homens.

Enquanto os garotos estão indo em busca de um autógrafo, a escola de Drew liga para a casa da família Rock. Julius atende o telefone, e é avisado que o garoto não tinha ido à escola naquele dia. Preocupados, os pais dos garotos ligam para a escola de Chris e descobrem que ele também não tinha ido à aula. Resolvem, então, procurar os garotos no bairro. Os pais andam por toda a vizinhança atrás deles, entretanto ninguém tinha os visto. Depois de todas as tentativas de encontrar os garotos, Rochelle decide que vai ligar para a polícia. Julius a adverte, lembrando-a como a polícia é quando ligam falando sobre o sumiço de pessoas negras. Então, é mostrada uma cena hipotética onde Rochelle liga para a polícia dizendo que dois garotos negros tinham sumido, e o policial que atende fala que eles ligaram para o número errado. Depois de esperar por duas horas, Rochelle liga, de

fato, para a polícia. Na hora de informar a etnia, diz que os garotos são brancos e, antes de desligar o telefone, aparece um policial em sua porta.

Por causa do racismo instaurado na sociedade, o preconceito de que a pessoa negra é criminalizada e marginalizada cria uma dissociação do negro como vítima e, então, é criada uma visão de que essa pessoa é sempre a agressora. Isso é refletido em órgãos de defesa como a polícia. Num primeiro momento, o policial vê o negro como autor de delitos e não como uma vítima, criando um alvo prioritário e negligenciando essa parcela da população quando esses são as vítimas reais de um crime. Por mais que esteja falando de um contexto brasileiro, o pensamento do *rapper* Mano Brown apresenta uma visão similar à dessa situação:

Vocês querem polícia mas a polícia não tá pra prender playboy, a polícia tá aí pra prender a gente. Pra invadir favela, chutar o pé, meter o pé na porta da casa do mano, invadir, pular. Que nem aconteceu com meu parceiro, que o cara pulou a janela do quarto dele, ele tava dormindo e acordou com uma pistola na cara. O cara invadiu sem mandato, sem nada. De máscara, máscara de coringa. Imagina um policial com máscara de coringa, pula a janela do seu quarto no terceiro andar do sobrado malandro. Ninja porra (risos). (BROWN, 2017)

Quando Mano Brown diz que “a policia tá aí pra prender a gente”, ele quis dizer que a policia tá aí pra prender as pessoas negras e marginalizadas. Essa situação também ocorre dentro da polícia dos Estados Unidos. Em várias séries, são mostradas cenas em que um policial aborda uma pessoa negra apenas por causa de sua cor.

Quando os dois irmãos chegam no hotel onde Gretzky está, eles não sabem como ir até o quarto onde o jogador é hospedado. Chris tem a ideia de eles se passem por entregadores de pizza, para assim conseguirem subir até a área dos quartos. O fato deles entrarem na área dos quartos de forma disfarçada retrata como grande parte da sociedade ainda enxerga os negros. Os programas televisivos e filmes *mainstream*, principalmente dos anos 1980 retratados pela série, mostram a população negra com cargos empregatícios pouco prestigiados pela sociedade, com os personagens atuando como porteiros, empregadas domésticas, motoristas, entregadores etc. Enquanto as pessoas brancas, em geral, possuíam cargos de grande prestígio social (empresários, médicos, advogados etc.). Portanto, dois garotos negros com uma caixa de pizza dizendo que tinham um entrega para um hóspede de hotel era, para a visão das pessoas brancas, algo totalmente normal.

Quando encontram o quarto de Gretzky, há um segurança negro que impede a entrada dos garotos no quarto, à medida que é descoberto o disfarce. Depois de uma pequena conversa, tentando convencer o segurança de entrarem no quarto do jogador, eles descobrem que o ídolo de Drew não está no hotel e que voltaria em duas horas. Então, os garotos decidem ficar lá mesmo esperando o jogador chegar. Quando dão as costas para o segurança, ele vê que a camisa de Drew e lê Gritzky ao invés de Gretzky em voz alta. Drew diz que a camisa era presente de seu pai e que o hóquei não era popular no bairro onde eles moram. O segurança, então, pergunta qual bairro era, e eles respondem que moram na Bed-Stuy. O segurança diz que também mora lá e pergunta se ele tinha comprado a camisa com o Perigo (personagem que vende coisas falsificadas ou roubadas no bairro), e os garotos afirmam que sim, permitindo que o segurança criasse uma ligação social com eles. Essa ligação se cria pelo fato de todos morarem no mesmo bairro e serem negros. O segurança vê em Chris e Drew um espelhamento de si próprio quando jovem, como um garoto que vive num bairro periférico e marginalizado que tenta sair daquela realidade através do emprego. Ele se vê, de certa forma, representado por aqueles dois garotos que estão lá atrás de um autógrafa de um jogador de hóquei. “Todo regime de representação é um regime de poder formado, como lembrou Foucault, pelo binômio fatal “conhecer/poder”. Mas esse tipo de conhecimento não é externo, é interno.” (Hall, 1996, p.79) A representação do segurança é interna pois ele se viu representado pelos garotos por eles compartilharem de vivências parecidas. Após se ver nos irmãos Rock, o segurança cria um elo de empatia pelos dois e então, depois de ver a tristeza no olhar dos meninos, quando diz que o jogador não retornará ao hotel, dá uma camisa que o próprio Gretzky usou para Drew, um disco de hóquei para Chris e os convida para voltar para a *Bed-Stuy* de limousine.

3.3 – O racismo social

O episódio *Todo Mundo Odeia Supletivo* é o último episódio da série e começa com o narrador falando da rotina de chegar até a escola mostrando como é longa a trajetória do garoto até o colégio. Quando chega à escola, Chris vai em direção à sala de aula, cumprimenta Greg e deixa seu professor entrar primeiro na sala. No momento em que o professor entra na sala, o sinal toca. O professor fecha a porta e não deixa Chris entrar, alegando que ele estava atrasado e que tinha que pegar autorização na diretoria para participar da aula. No escritório da diretora, a Srta. Morello o alerta para não chegar

mais atrasado, pois estava no limite de faltas e, se não chegasse no horário, repetiria o primeiro ano do colegial.

Em um outro dia, Chris perde o primeiro ônibus e corre até o metrô para chegar à escola. Porém, quando entra no metrô, descobre que tinha pegado o metrô errado, e a próxima parada ficaria a dez quadras de sua escola. Quando sai da estação, Chris tem apenas 60 segundos para chegar à escola. No entanto, há um tiroteio entre bandidos e a polícia no meio do caminho. O garoto decide correr rumo ao tiroteio para chegar pontualmente. Nesse percurso, corre desesperado entre balas, encontra um bebê em um carrinho e o joga para sua mãe. Quando se afasta do tiroteio e está chegando na entrada da escola, é abordado por um policial armado com uma mulher. O policial pergunta para a mulher se era o garoto que tinha roubado o carro dela. A mulher responde que não tinha certeza. O policial, então, pede para Chris cobrir seu rosto e para falar a frase: “Saia do carro”. Após isso, a mulher confirma que não foi o garoto que tinha roubado o veículo, na medida em que o policial para de apontar a arma pra ele e o deixa ir embora. O policial aborda Chris quando ele está chegando na escola, além de ser ferramenta cômica para mostrar mais um obstáculo para o protagonista no pouco tempo que ele tinha pra chegar no seu objetivo. Essa atitude reafirma o racismo instaurado pela polícia, que está também presente na sociedade como um todo, pois tanto o policial como a mulher, no momento em que abordam Chris, assumem que a única característica que a pessoa que roubou o carro tinha era ser negro, negando outras características como altura, feições, roupas, entre outras, como se todos os negros fossem iguais.

Dentro da escola, Chris está correndo em direção à sala de aula e, assim que o professor entra, o sinal toca e a porta é fechada. Chris chega à porta da sala exatamente no momento em que o professor fecha a porta. O garoto implora para o professor, falando que ele não queria repetir de ano. Então, o professor responde em tom debochado: “Considere-se adiantado para o ano que vem.”

Rochelle e Chris estão na sala da diretora. A mãe do garoto está inconformada com o fato de seu filho, mesmo passando em todas as matérias, está repetindo de ano por causa de atrasos. A diretora, então, explica que ela pode entrar com recurso para Chris ir para o próximo ano, porém isso o compararia a uma garota branca, mimada e rica. Pois esse recurso foi usado pela filha do senador, que faltou um ano inteiro, pois estava grávida. Rochelle concorda com a diretora, que chega a um acordo no qual Chris repetiria de ano se ele atrasasse mais uma vez. No outro dia, Rochelle vai acordar seu filho, porém Chris fala pra sua mãe que não vai na escola, pois gostaria de abandonar o colegial.

Chris está sentado junto com Greg conversando sobre sua saída da escola. Greg fala sobre a possibilidade de Chris fazer a prova do supletivo, que daria pra ele um diploma de conclusão do colegial. Caruso aparece perguntando pra Chris se ele vai sair da escola. O garoto confirma, e Caruso fica surpreso, a ponto de convidá-lo para saírem juntos algum dia. Chris, inconformado, acha que é uma brincadeira, mas Caruso o responde:

_Eu venho batendo em você todos esses anos porque dentro de mim eu tinha inveja da sua determinação e de suas conquistas. Eu tentei acabar com a sua autoestima pra não me sentir inferior, mas já que vai sair da escola, a sociedade faz isso. Vamos ser amigos?

O discurso de Caruso mostra como a sociedade estabelece uma relação com a população negra. Os negros só são vistos como *amigos* quando não interferem na vida padrão do homem branco, por causa do passado de uma tradição histórica na qual o negro era visto como pessoa inferior. A sociedade branca, quando vê um negro fazendo as mesmas coisas legadas às tradições dos brancos, se sente inferiorizada, causando uma revolta. A pessoa branca, quando não tem mais o poder sobre os negros, tenta acabar com a autoestima dos afrodescendentes para, assim, poderem se sentir superiores novamente. “Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará.” (ADICHIE, 2018) Compartilhado o mesmo pensamento da autora, é possível dizer que essa discrepância entre os lugares ocupados por brancos e negros tem a ver com essa repetição histórica.

A partir do momento em que Chris não se torna uma ameaça para Caruso, este o vê como uma pessoa comum, que pode se tornar um amigo, desde que o garoto negro não ultrapasse os limites sociais impostos. “Um Invólucro, que algumas vezes os impede de desenvolverem estratégias culturais que podem fazer realmete uma diferença.” (Hall, 1992, p.340) A falta de desenvolvimento de estratégias faz com que a sociedade acabe que por mantendo seus preconceitos e apenas tolerando as diferenças desde que essas ocupem seus espaços predeterminados.

4 – Conclusão

Através de uma reflexão sobre identidade, é possível dizer que a representação de pessoas negras nas séries televisivas e o olhar opositivo da população afrodescendente

em relação às mesmas tem feito com que as narrativas sejam transformadas, ao ponto de permitirem um pensamento crítico a respeito da questão da representatividade. E esse fator acaba por criar uma mobilização política da sociedade para o que está sendo representado através da tela e vice-versa, tornando a identidade um ato político e social.

Todo mundo odeia o Chris é uma série de transição em relação ao formato, ela ainda traz elementos do *black sitcom*, porém critica principalmente o racismo dentro da sociedade, mediante situações vividas pelo protagonista. Utilizando elementos cômicos, a série tanto disfarça quanto apresenta, explicitamente, os problemas sociais que aconteceram nos anos 1980, mas que ainda persistem no dias de hoje. Ela disfarça, pois, a partir do momento que é colada uma situação dramática em um contexto cômico, o peso daquela situação é mais receptivo para a audiência. Em contrapartida, ela apresenta críticas sociais através da comédia, usando a leveza do gênero para discutir temas que a sociedade simplesmente tenta ignorar, trazendo o invólucro protetor que Hall (1992) menciona em seu texto, que impede a sociedade de tratar de assuntos tão essenciais como racismo. A série, então, rompe esse invólucro, abrindo portas para outras obras audiovisuais *mainstream* poderem abordar temas que representem as minorias sociais.

Bibliografia:

ADICHIE, Chimamanda. *Os perigos de uma história única*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 12/out./2018.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BROWN, Mano. *Entrevista no Programa Freestyle*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RoSJoONzt5k&t=2001s>. Acesso em 20/out./2018.

CREMA, Daniele. *Por que todo mundo odeia o Chris?* Uma análise discursiva sobre o imaginário de afro-americanidade na série Everybody hates Chris. São Paulo, 2014.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural e diáspora*. In: Revista do patrimônio, nº 24. Brasil: Serafia produção gráfica Ltda, 1996.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Thomas Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.